

Desenvolvimento sociocomunitário: um olhar sobre o projeto de Lajedos, em Cabo Verde

Maria Miguel Estrela

Professora na Universidade de Cabo Verde – Uni-CV

*Aluna de Doutorado em Ciências da Educação na Universidade do
Porto – U.Porto*

estrelamami@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1497-1890>

Resumo

Inscrito no quadro disciplinar das ciências da educação, este artigo surge no âmbito de um estudo de caso sobre o Projeto de Desenvolvimento Comunitário de Lajedos, em Cabo Verde. A investigação buscou compreender as dimensões do educativo observadas no processo de desenvolvimento e o próprio desenvolvimento como um processo educativo, com base em referências do universo teórico das abordagens sobre o desenvolvimento. Apresenta-se, aqui, o trabalho da organização não governamental (ONG) cabo-verdiana Atelier Mar e revelam-se as dimensões por meio das quais o educativo se encontra presente nesse trabalho, da pedagógica à política, da econômica à sociocultural, além do contexto da ação, dos fundamentos teóricos pautados por vários conceitos de desenvolvimento e dos conceitos relativos à educação e suas implicações nas dinâmicas sociocomunitárias. A ação é abordada diante de seus diferentes matizes na promoção de um desenvolvimento sociocomunitário participativo e de uma aprendizagem coletiva significativa para todos os envolvidos.

Palavras-chave desenvolvimento sociocomunitário; educação; participação;
cultura.

Socio-community development: a look at the Lajedos project, in Cape Verde

Abstract

Inscribed in the disciplinary framework of education sciences, this article emerges as part of a case study on the Lajedos Community Development Project, in Cape Verde. The investigation sought to grasp the educative dimensions observed in the development process and development itself as an educational process, based on references from the theoretical universe of approaches to development. Herein, the work undertaken by the Cape Verdean non-governmental organization (NGO) Atelier Mar is presented and the dimensions through which the educative domain is observed in this work, from the pedagogical to the political, from the economic to the sociocultural, in addition to the context of action, the theoretical foundations guided by various concepts of development, and the concepts related to education and their implications in socio-community dynamics. The action is addressed in view of its various nuances in promoting participatory socio-community development and meaningful collective learning for all those involved.

Key words socio-community development; education; participation; culture.

Desarrollo socio-comunitario: una mirada al proyecto Lajedos, en Cabo Verde

Resumen

Inscrito en el marco disciplinario de las ciencias de la educación, este artículo surge como parte de un estudio de caso acerca del Proyecto de Desarrollo Comunitario de Lajedos, en Cabo Verde. La investigación buscó comprender las dimensiones del educativo observadas en el proceso de desarrollo y el desarrollo en sí mismo como un proceso educativo, basado en referencias del universo teórico de los enfoques del desarrollo. Aquí se presenta el trabajo realizado por la organización no gubernamental (ONG) caboverdiana Atelier Mar y se revelan las dimensiones a través de las cuales se observa el dominio educativo en este trabajo, desde la pedagógica a la política, desde la económica a la sociocultural, además del contexto de acción, de los fundamentos teóricos guiados por varios conceptos de desarrollo, y de los conceptos relacionados con la educación y sus implicaciones en las dinámicas socio-comunitarias. La acción se aborda en vista de sus diversos matices en la promoción de un desarrollo socio-comunitario participativo y de un aprendizaje colectivo significativo para todos los involucrados.

Palabras clave desarrollo socio-comunitario; educación; participación; cultura.

Développement socio-communautaire: un regard sur le projet Lajedos, au Cap-Vert

Résumé

Inscrit dans le cadre disciplinaire des sciences de l'éducation, cet article émerge dans le cadre d'une étude de cas sur le Projet de Développement Communautaire de Lajedos, au Cap-Vert. La recherche a cherché à comprendre les dimensions de l'éducatif observée dans le processus de développement et le développement lui-même en tant que processus éducatif, sur la base de références issues de l'univers théorique des approches du développement. Ici, le travail de l'organisation non gouvernementale (ONG) capverdienne Atelier Mar est présenté et les dimensions à travers lesquelles l'éducatif est présent dans ce travail sont révélées, de la pédagogique à la politique, de l'économique à la socioculturel, en plus du contexte de l'action, des fondements théoriques guidés par plusieurs concepts de développement et des concepts liés à l'éducation et ses implications dans des dynamiques socio-communautaires. L'action est abordée compte tenu de ses différentes nuances dans la promotion du développement socio-communautaire participatif et d'un apprentissage collectif significatif pour toutes les personnes impliquées.

Mots-clés développement socio-communautaire; éducation; participation; culture.

Introdução

Este estudo teve por objetivo conhecer a experiência desenvolvida pela organização não governamental (ONG) Atelier Mar¹, em Cabo Verde, mais concretamente na Ilha de Santo Antão, na comunidade rural de Lajedos, por meio do projeto de desenvolvimento comunitário ali implementado.

Metodologicamente, ancora-se na coleta e análise de documentação relativa ao projeto, na observação participante enquanto membro da equipe que tem trabalhado na comunidade no âmbito do referido projeto, e em *conversas*² com os beneficiários. A aproximação ao objeto de pesquisa se deu em uma perspectiva holística do fenômeno em estudo, abordando os sujeitos e as situações como um todo e não os reduzindo a variáveis mensuráveis, assim, a atenção se centrou no contexto das ações e interações para compreender os quadros de referência dos atores (Carmo & Ferreira, 2008).

Mostra-se relevante indicar que a escrita deste artigo não está isenta de subjetividade, considerando que a investigação ocorreu em um campo onde as esferas profissional e pessoal convergem em um percurso de vida e coexistem de forma indissociável. Portanto, a reflexão sobre a ação que pretende ser científica e crítica inclui a tensão entre a razão, os sentidos e as emoções – e estas últimas também como parte da produção de conhecimento.

1 Essa ONG cabo-verdiana, criada em 1979, trabalha com temáticas ligadas a cultura, desenvolvimento, educação e arte, sob uma perspectiva de pesquisa e ação, promovendo a melhoria da vida das pessoas e a valorização dos recursos endógenos dos territórios e dos grupos envolvidos nos projetos.

2 Aqui, o termo *conversa*, no sentido interativo, não se refere a entrevistas tecnicamente trabalhadas (como exige um processo sistematizado de pesquisa), mas ao cumprimento dos preceitos éticos de investigação científica e ao respeito pelo valor e pela riqueza das informações obtidas.

Como afirma António Damásio (1995), as emoções são inseparáveis e imprescindíveis nos processos de raciocínio.

A própria práxis adotada ao longo do projeto conjuga motivações pessoais e profissionais em um processo de interação com as pessoas e o território na busca de soluções para seus problemas. Espera-se que, com uma breve apresentação do contexto e das ações realizadas, os leitores descubram a comunidade de Lajedos e os caminhos percorridos no processo de desenvolvimento sociocomunitário, que articula diferentes áreas de intervenção e de conhecimento e empreende esforços com vistas à mudança social.

Inscrito no quadro disciplinar das ciências da educação, este artigo representa uma tentativa de perceber as dimensões do educativo no processo de desenvolvimento e o próprio desenvolvimento como processo educativo, também indo buscar referências no universo teórico das abordagens sobre o desenvolvimento. Apresenta-se o trabalho do Atelier Mar de forma autêntica, em síntese, mas revelando todas as dimensões como o educativo se encontra presente (da pedagógica à política, da econômica à sociocultural).

A complexidade existente no contexto e no projeto demanda uma leitura pluridisciplinar da realidade, para que se entenda o sentido do objeto de estudo enquanto processo de desenvolvimento sociocomunitário. Neste artigo, para compreender a ação desenrolada, não abarco a amplitude teórica de toda a constelação semântica atualmente relacionada à educação e ao desenvolvimento sociocomunitário, mas ilustro alguns aspectos, mais no sentido reflexivo do que de análise sistematizada de dados coletados.

Vale considerar a complexidade como um conceito emergente das ciências sociais observado na realidade social, tendo a pluri e a interdisciplinaridade tanto como abordagens dessa realidade quanto como fusão de saberes nas práticas sociais e na contextualização e construção do objeto científico.

Este artigo está estruturado de modo a apresentar o contexto do país e da comunidade de Lajedos, bem como a caracterizar o projeto, passando por uma fundamentação teórica dos principais conceitos usados para compreender a práxis da ONG Atelier Mar e sua singularidade, trazendo algumas palavras conclusivas sobre os resultados obtidos com a urdidura e a trama nessa tecelagem da vida e do trabalho realizado.

Contexto

Cabo Verde é um pequeno país insular no Oceano Atlântico, com superfície terrestre de 4.033 km². Localiza-se em um arquipélago formado por 10 ilhas, 9 delas habitadas, a pouco menos de 500 km da costa africana, em frente ao Cap Vert do Senegal. Geograficamente, as ilhas de Cabo Verde se dividem em 2 grupos, consoante com sua posição relativa aos ventos alísios predominantes de nordeste:

a) Grupo de Barlavento (ao norte) – constituído pelas ilhas de Santo Antão, S. Vicente, S. Nicolau, Santa Luzia, Boa Vista e Sal; e

b) Grupo de Sotavento (ao sul) – constituído pelas ilhas Brava, Fogo, Maio e Santiago.

Os recursos minerais são raros, os solos são pobres e apenas cerca de 10% da superfície do país são utilizados para a agricultura. O clima é do tipo saheliano, ou seja, seco de dezembro a junho e relativamente úmido de julho a novembro, sendo frequentes os longos períodos de seca que condicionam a vida e a produção das famílias que dependem da agricultura para sobreviver. Eis o contexto no qual se insere a localidade de Lajedos, na ilha de Santo Antão, onde o projeto em estudo foi implementado.

Achadas desabitadas em 1460, as ilhas começaram a ser povoadas em 1462 com europeus provenientes de Portugal e, posteriormente, com mão de obra escrava do continente africano. A colonização portuguesa durou cerca de 500 anos – Cabo Verde conquistou sua soberania em 1975, em uma luta anticolonial protagonizada por Amílcar Cabral e seus companheiros, que se iniciou em 1956, com a criação do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), junto com Guiné-Bissau.

A sociedade cabo-verdiana é mestiça e o cabo-verdiano tem consciência da essência de sua cultura advinda da simbiose africana e europeia, cuja conjugação de valores deu origem a uma identidade própria. Entende-se a identidade cabo-verdiana como resultado reelaborado de diversas identidades em contato e a ausência de reivindicações étnicas entre os cabo-verdianos, além da afirmação de valores culturais recebidos, levam a *cabo-verdianidade* a ser percebida como *um coletivo*.

Após a independência nacional, a 5 de julho de 1975, afirmou-se a singularidade dos valores cabo-verdianos reelaborados a partir da africanidade herdada e dos valores impingidos pelo colonialismo, consolidando uma autonomia de pensamento.

Cabo Verde independente tem contornos delineados por sua história e pela componente doutrinária do pensamento de Amílcar Cabral, que atribuiu à cultura um importante papel na luta pela libertação nacional.

Cabral³ afirmava que:

No plano estritamente cultural, os objetivos visados são a construção de uma cultura nacional, científica, popular e universal, baseada nas tradições positivas da cultura autóctone e na assimilação crítica da cultura de outros povos e das aquisições da humanidade no domínio do humanismo, da ciência, da técnica e da tecnologia. Desse modo e do ponto de vista do seu conteúdo, a cultura deve poder inserir em si e a um tempo a preservação da identidade e as necessidades do progresso. A cultura constitui, assim, uma dimensão fundamental do desenvolvimento.

3 “Libertação Nacional e Cultura” (conferência realizada em 1970, na Universidade de Syracuse, nos EUA).

Segundo dados de 2012 publicados pelo Instituto Nacional de Estatísticas (INE), 505.800 pessoas vivem em Cabo Verde, caracterizando-se como uma população jovem (média de idade de 27,4 anos), o que indica uma forte pressão sobre os serviços sociais e econômicos. A população feminina representa 50,5% e a masculina, 49,5%. Apesar do desequilíbrio não ser tão forte quanto no passado, marcado pela emigração, as mulheres continuam a desempenhar um importante papel nas famílias cabo-verdianas: mais de 40% delas têm chefia feminina (no meio rural essa taxa ultrapassa os 50%). Estima-se que 62 pessoas em cada 100 vivem em áreas urbanas e as demais em áreas rurais – sobrevivendo, sobretudo, da prática da agricultura, em uma constante luta para produzir sob os efeitos da seca.

No processo de desenvolvimento, os investimentos feitos desde os primeiros anos da independência nacional têm melhorado muito o nível de educação. Em 1975, o índice de analfabetismo se situava em 65%, caindo para 13% após 40 anos de soberania (persistindo as disparidades entre homens e mulheres); 98,5% das crianças em idade escolar frequentam o ensino básico (1º ao 8º ano) e 78% das crianças e dos jovens entre 12 e 18 anos frequentam o ensino secundário. Nesta última década, o ensino superior tem sido interpelado para satisfazer as exigências de formação de profissionais qualificados, tendo sido criada a Universidade de Cabo Verde (Uni-CV), uma instituição pública, e 8 instituições privadas, atualmente frequentadas por 11.000 estudantes. Há um número igual de alunos estudando em universidades estrangeiras, sobretudo no Brasil e em Portugal.

Atendendo aos padrões de desenvolvimento, Cabo Verde tem observado um crescimento econômico e social que o Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) justifica com os seguintes fatores: a) investimento consistente em capital humano; b) boa governança e gestão da economia; c) estabilidade político-social; e d) generosidade da comunidade internacional e fortes laços com a diáspora global de Cabo Verde – como referido no documento da Estratégia de Crescimento e Redução da Pobreza (ECRP) 2012-2016. Em nível econômico, as políticas se situaram no liberalismo depois da abertura à democracia, em 1991, com a segunda república, encorajando-se a abertura da economia e o incremento das trocas comerciais com o exterior, além da ocorrência da privatização do setor estatal.

A comunidade de Lajedos

No âmbito deste artigo, destacam-se algumas das características do contexto específico de implementação do “Projeto de Desenvolvimento Comunitário de Lajedos” (o caso em estudo). Lajedos é uma comunidade rural com número de habitantes estimado em 600 pessoas (dados do INE, censo 2010) e situa-se no interior da ilha de Santo Antão, a 15 km da cidade do Porto Novo.

Enquadrada em um estreito vale, marcado pela erosão e pelas características vulcânicas da ilha, onde se sobressai um desfiladeiro imponente, apresenta terrenos cultivados, sobretudo nas encostas, e nos aglomerados de casas em ambos os lados da estrada que atravessa a comunidade. Fundada por António Luís Delgado (conforme depoimento de descendentes), que herdou as terras que eram campos de pastagem e, por não haver nascentes na localidade, sendo autodidata, conseguiu construir canais de irrigação em 3 anos, chamados “lavadas”, que incluem túneis e ainda hoje constituem uma das obras hidráulicas mais fascinantes de toda a ilha de Santo Antão. Escassos em recursos hídricos, os campos são irrigados pela água trazida nessas *lavadas* a partir de nascentes de outras localidades (a cerca de 6 km de distância), sendo alimentadas pelas chuvas que caem, em média, 1 vez por ano, podendo ocorrer secas que duram de 2 a 4 anos; trata-se da região do país que mais sofre influência do vento harmatão.

A comunidade foi fundada junto com os trabalhadores dessa obra, pastores e seus descendentes que, assim, puderam fixar-se e cultivar os campos. A relação da comunidade com o território (uso e apropriação), com a cultura de matriz africana mesclada com tradições de origem portuguesa, é fortemente marcada pelas características do clima, pela agricultura de subsistência e pelas tradições, tanto de produção quanto de celebração, onde o profano e o religioso se confundem (como é o caso das festas de romaria dedicadas a S. João).

O diagnóstico socioeconômico realizado (Estrela, 2005) proporcionou uma visão global da vida na comunidade, mostrando a notória fragilidade do tecido social local, caracterizadora de uma população que aceita a pobreza como fatalidade inalterável, instigada pela fraca atividade agrícola e pela falta de alternativas geradoras de riqueza, associando-se, ainda, as fracas perspectivas de um futuro melhor, pois essa população se acomodou em um padrão de vida assente em rendimentos diminutos. As marcas do perfil social e econômico de Lajedos identificadas comportam características como: a) a constante luta pela sobrevivência, embora já se tenha afastado o espectro da fome que marcou a história da região no passado; b) a dureza do ambiente, com os poucos recursos naturais cada vez mais desgastados e o clima saheliano, que não deixa margem para grandes expectativas; c) a inexistência de terras comunitárias, os terrenos são privados ou da Igreja Católica (somente uma pequena parcela pertence ao Estado). As atuais formas de exploração das terras são individuais e não abrem possibilidades para a exploração comunitária delas. As famílias são numerosas (compostas por 7 a 11 pessoas cada), os jovens não têm emprego, as mulheres chefiam cerca de 47% das famílias e os problemas sociais condicionam o desenvolvimento local (p. ex., gravidez na adolescência, abandono escolar, alcoolismo, desemprego); faltam respostas educativas, formais e não formais, capazes de induzir o desenvolvimento ou pelo menos “animar” as pessoas e o território.

Junto com essas características, vale ter em mente que se trata de uma população marcada por uma história de 500 anos de subordinação e que, apesar dos avanços registados no país, refletidos na melhoria dos indicadores de desenvolvimento, as assimetrias regionais ainda são acentuadas, sendo o meio rural o que menos se beneficia dos impactos do chamado “progresso”.

No plano do desenvolvimento, a luta pela redução da pobreza e promoção do desenvolvimento sustentado continua a ser um dos grandes desafios de Cabo Verde. Conjugada com a vulnerabilidade da economia temos a necessidade de aumento do emprego e diminuição das desigualdades sociais e das assimetrias entre os meios urbano e o rural.

A realidade de Lajedos não se encontra desarticulada da realidade nacional e apresenta semelhanças com muitas outras comunidades rurais. Para o Atelier Mar, tal realidade levou à ação em uma abordagem integrada, sem modelo predeterminado, pautada por uma ética de diálogo com os participantes/beneficiários, com sensibilidade e respeito pela cultura local.

Breve fundamentação teórica

O conceito de desenvolvimento, de origem ocidental (ou eurocêntrica), tem se mostrado um dos mais polissêmicos e polêmicos da atualidade, despertando uma diversidade de abordagens e mobilizando o desejo de transformação nas sociedades – geralmente é adotado para avaliar e classificar os níveis de progresso e bem-estar (Amaro, 2003).

Sendo um conceito com mais de 200 anos de história, ainda segundo Roque Amaro (2003), deve ser compreendido em referência a seus marcos mais simbólicos, a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, mas também considerando o Renascimento e o Iluminismo, que conduziram ao abandono da visão teocêntrica e à afirmação do antropocentrismo, constituindo os pilares das sociedades industriais.

Aqui, não cabendo analisar todos os aspectos de tal conceito, mostra-se importante referir o período que ficou conhecido como os “Trinta Gloriosos” (1945-1975), correspondentes ao pós-Segunda Guerra Mundial, que trouxe promessas de desenvolvimento, associando-se ao crescimento econômico tanto nos países já considerados desenvolvidos quanto nos chamados subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento. Como marco importante temos, ainda, o discurso de tomada de posse do Presidente Truman nos Estados Unidos da América (EUA), a 20 de janeiro de 1949, onde ele usa o termo *subdesenvolvido* – não tendo sido o primeiro o usá-lo, veio, no entanto, resignificar o desenvolvimento como meta que todos desejariam alcançar e o subdesenvolvimento como condição da qual os povos deveriam tentar escapar (Sachs, 1992). São hoje conhecidos os resultados tanto em

termos da perda de identidade cultural quanto do aumento dos conflitos e dos problemas ambientais, com incentivo à homogeneização dos padrões de desenvolvimento pautada pelos valores do capitalismo.

Os países pobres, recém-libertos do poder do colonialismo, passaram a desejar o desenvolvimento e a receber apoio para alcançá-lo (muitas vezes sob uma lógica assistencialista), com base no paradigma do crescimento econômico, embora de forma vaga, buscando a melhoria de sua situação social, como se depreende das Propostas de Ação da Primeira Década de Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (ONU) - 1960-1970 -, onde se determina que:

O problema dos países subdesenvolvidos não é simplesmente o crescimento, mas sim o desenvolvimento... Desenvolvimento é crescimento com mudanças... As mudanças, por sua vez, são sociais e culturais, econômicas e tanto qualitativas quanto quantitativas. O conceito-chave é melhorar a qualidade de vida das pessoas (United Nations, 1962, tradução nossa).

Posteriormente, tanto nos anos 1970 quanto nos 1980, as desilusões causadas pelo não cumprimento das promessas de bem-estar e progresso (desigualdades sociais, degradação ambiental, fracasso de modelos impostos aos países menos desenvolvidos etc.) levaram a mudanças na ideologia desenvolvimentista e começam a surgir propostas convocando a associação de outros conceitos ao do desenvolvimento, como: a) desenvolvimento endógeno, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que promove a valorização das culturas de origem; b) desenvolvimento sustentável, da ONU, que busca a satisfação das necessidades do presente sem comprometer o futuro das futuras gerações; c) desenvolvimento participativo, propondo a implicação das pessoas no processo de forma ativa e não como receptoras passivas da ação dos outros, sendo tal concepção muito presente na ação das ONGs ainda hoje.

Entre outros adjetivos, também se associa ao conceito de desenvolvimento o local e o integrado, apontando caminhos para abordagens territorializadas, multidisciplinares e multissetoriais, o envolvimento dos atores sociais e, indiscutivelmente, uma atenção à capacitação e apropriação dos resultados por parte dos destinatários/atores das ações promotoras do desenvolvimento, em outras palavras, seu empoderamento. Nesse sentido, o desenvolvimento local ou sociocomunitário, como é comum ser designado em Cabo Verde, apresenta uma abordagem de pequena escala, de modo que todos os estratos sociais encontrem satisfação de suas necessidades básicas, ao mesmo tempo que se conquista o desenvolvimento com o protagonismo de todos os atores locais, em busca de soluções criativas com base no uso e na preservação dos recursos endógenos.

Sob essa lógica, as organizações da sociedade civil são convocadas a uma ação social com base nos interesses coletivos, na mobilização e no fortalecimento da cultura local e das lideranças comunitárias. Esses aspectos, permeados pelo diálogo com os poderes públicos, são pontos de referência importantes para as novas abordagens ideológicas do desenvolvimento, no sentido do empoderamento das populações e da conquista da cidadania, transformando as relações de poder e levando todos a se conscientizarem de suas capacidades para assumir os desafios.

Eis o momento de referir que o pós-Segunda Guerra Mundial também foi “marcado pelo crescimento exponencial da oferta educativa escolar” (Canário, 2005), sob a perspectiva de ser um investimento econômico com retorno garantido e que também veio a causar desilusões. Essa democratização do acesso à escola, no caso dos países ditos subdesenvolvidos, ocorre nos períodos pós-independência, como é o caso de Cabo Verde, como mencionado em relação ao alargamento da oferta educativa, e ela se enquadra na ideologia desenvolvimentista dominante.

Digno de nota é o fato de no país se ter procurado dotar todas as regiões rurais de escolas, de modo a também participarem nesse processo de combate ao analfabetismo, sob a visão de que a educação é um requisito fundamental do processo de desenvolvimento. Criticamente, pode-se apontar que os padrões desse investimento educativo no meio rural, embora de mérito, não tiveram o cuidado de atender às especificidades socioculturais e de massificar o acesso à educação; massificaram-se as formas de estar do meio urbano, em um contexto de desigualdades estruturais, gerando um sentimento de menos-valia no meio rural.

Foi daí que se tornou relevante a consciência da valorização das culturas endógenas e isso veio a se acentuar na ação da sociedade civil organizada, contrapondo ao papel centralizador do Estado sua ação flexível, solidária e respeitadora da diversidade.

A educação assume um papel de primordial importância, tanto no plano formal (instituições educativas) quanto no plano não formal (fora da esfera escolar), onde a ação das ONGs se configura como localizada na realidade de cada comunidade e também exerce uma ação educadora, a partir do respeito pelas idiosincrasias de cada indivíduo e de cada comunidade.

A interpretação da realidade social por meio dos atores exige atenção aos significados que estes produzem; reconhece-se, tal como propôs Margaret Mead (como citada por Lessard-Hébert, Goyette, & Boutin, 1994:41), o papel central das “interações indivíduos-mundo” na produção de significados daí resultantes. Nesse caso, tanto os atores sociais quanto os professores são interpelados a assumir e valorizar que cada pessoa não é um elemento passivo, mas um ator que interpreta, reage e age perante as conjunturas do sistema social, cultural, econômico e político onde se encontra.

Desse modo, a educação poderá assumir que desempenha um papel na promoção do desenvolvimento que se quer integrado e sustentável, em um ambiente democrático e participativo, assumindo os desafios sem medo das tensões que as mudanças implicam. A assunção desse papel alarga não só o campo de atuação do educativo, mas o papel dos professores, e abre para a possibilidade de mais e distintos atores em um paradigma no qual os limites da ação educativa vão muito além dos contextos escolares.

Para finalizar este enquadramento teórico, refiro-me ao conceito de ONG contextualizando-o em Cabo Verde. Primeiro, vale referir que existe uma cultura de solidariedade e de ajuda mútua, provavelmente como estratégia de sobrevivência em um ambiente hostil (dominação colonial, aridez do clima, pobreza estrutural) por parte dos cabo-verdianos, constatada na construção das habitações, no cultivo agrícola, nos casamentos, nos batizados e até nos rituais associados à morte. A mudança de regime para a democracia, a partir de 1990, trouxe um aumento exponencial do associativismo, onde a chamada sociedade civil organizada assumiu o termo *organização não governamental* a partir do vocabulário das ONU. Atualmente, esse grupo é constituído por um variado leque de organizações, em sua maioria associações comunitárias, que indicam um grau de autonomia e dinamismo social e, em muitos casos, seu surgimento decorre da “imposição” de alguns países doadores, que exigem acordos com coletivos locais e não diretamente com órgãos do Estado.

As ONGs mais antigas, como é o caso do Atelier Mar, têm um histórico de ações articuladas nos contextos de atuação e de afirmação de metodologias de trabalho consolidadas em diversos projetos que promovem a melhoria das condições de vida das pessoas, articulando diversas dimensões do viver humano.

O maior desafio que enfrenta o movimento associativo é o da sustentabilidade econômica, que procura ir além da dependência dos subsídios e do instrumentalismo de que algumas são alvo, por parte de partidos políticos e organismos do Estado. Algumas respostas advêm da cooperação internacional, mas, principalmente, da boa governança demonstrada ao longo dos anos, da referida tradição de solidariedade existente na cultura cabo-verdiana, revelando um importante capital social e de experiências, que poderá vir a se traduzir em uma agenda política comum.

Em Cabo Verde, a problemática da intervenção comunitária não pode deixar espaço para se concretizar, como dizem José Alberto Correia e João Caramelo (n.d.), em torno da semântica das agências de desenvolvimento em uma manifestação da “projetocracia”, na qual se dissimula um totalitarismo intervencionista.

O projeto

O Atelier Mar trabalha com a comunidade de Lajedos desde o final da década de 1980, quando iniciou a denominada “Animação Comunitária”, em um processo que tem inspiração na educação popular, nas metodologias de Paulo Freire e no conceito de “conscientização” – definido como um processo de aquisição de consciência e de recursos interpretativos por parte do indivíduo, que lhe permite interpretar o mundo, assumir um papel ativo em sua vida e concretizar a cidadania plena.

Cabo Verde, devido ao seu regime de partido único durante os primeiros 15 anos de soberania nacional, não desenvolveu muitos esforços para a participação democrática; desse modo, o associativismo e as políticas públicas voltadas ao envolvimento das populações no processo de desenvolvimento surgiram em 1990, como já foi referido, após a abertura à democracia e ao pluripartidarismo.

As primeiras ações do Atelier Mar na comunidade de Lajedos surgiram de forma discreta, mas com a clara consciência da necessidade de estimular a participação, implicando as pessoas desde o levantamento de suas necessidades e prioridades até a concretização das ações, com respeito pelos saberes locais e valorização das potencialidades e da cultura endógena. em um contexto complexo, no qual a pobreza impera junto com a persistência na luta pela vida. O desenho da ação também considerou as seguintes características identitárias:

- a) Os saberes ancestrais ligados à gestão da água e sua escassez;
- b) Os modos de lidar com a terra agrícola e sua aridez;
- c) A manutenção dos laços culturais e sociais de vizinhança, as atividades artesanais que mesmo em declínio ainda conferem significado às experiências; e
- d) A simplicidade do cotidiano de quem sabe esperar por dias melhores, sem desistir, e procurando manter a solidariedade, a reciprocidade das relações e a confiança, ou seja, o capital social existente – ainda que fragilizado.

Não se pode dizer que a equipe técnica da ONG, nessa altura, tenha revelado uma concepção estratégica da experiência, mas sim uma prática cuidadosa que permitiu ir construindo caminhos com intuição e respeito pelas pessoas e pelos saberes, no que pode ser entendido como um processo de desenvolvimento sociocomunitário. Isso não impede que se relacione essa prática ao conhecimento científico, o que, na verdade, enforma o desafio de compreender como tal projeto constitui um elemento catalisador do desenvolvimento sociocomunitário de Lajedos. A metodologia adotada foi a abordagem participativa, dado que se baseou nas relações entre os membros da comunidade, nos interesses comuns e na motivação das populações para se envolver na realização das ações, partilhando o trabalho, o conhecimento e as dificuldades (Estrela, 2005). Tal processo participativo, que encerra em si um potencial educativo (de democracia, partilha e liderança), teve, essencialmente, 4 níveis:

-
- a) A identificação e preparação das ações;
 - b) A concretização das ações planeadas;
 - c) O acompanhamento da realização; e
 - d) A avaliação e a análise dos resultados.

Algumas áreas de intervenção foram consideradas prioritárias, em concertação com a população, para combater os problemas identificados, como o desemprego de jovens e mulheres, as dificuldades de acesso à educação e de continuidade dos estudos, no caso das crianças, a perda de tradições e a fragilidade dos rendimentos obtidos com a agricultura. O Atelier Mar fez com que a identificação e a hierarquização das necessidades fossem feitas pela população e essas necessidades foram traduzidas em grandes objetivos, a saber:

- a) Melhorar a imagem social da comunidade e a autoestima da população;
- b) Valorizar a identidade cultural local;
- c) Melhorar as condições de vida das populações;
- d) Revalorizar as atividades artesanais tradicionais;
- e) Formar os jovens para o autoemprego;
- f) Promover a participação igualitária de homens e mulheres no processo de desenvolvimento⁴ ; e
- g) Criar atividades geradoras de rendimentos.

Procurou-se identificar não só as necessidades, mas também as ações, de modo a proporcionar resposta das ações e dos recursos. Esse processo se assentou no conhecimento da realidade local, na valorização cultural e no reforço da autoestima, que se mostra um fator muito importante para implicar a população nas ações. O capital de experiência adquirido revelou, ainda, que a inclusão dos idosos se revelou muito importante para a transmissão de saberes e a renovação das atividades geradoras de rendimentos.

O eixo da proposição do Atelier Mar se sustentou no princípio de que a cultura e o desenvolvimento se condicionam mutuamente, e isso inclui uma visão ampla da educação e da cultura como pilares estratégicos para o desenvolvimento sustentável. Quer a cultura, quer a educação (sendo esta parte da primeira, mas que aqui se quer destacar) são abordadas em 3 grandes dimensões, a simbólica, a econômica e a política, conformando a cidadania.

Na época, não havia no país outras experiências que pudessem servir de modelos metodológicos, nem orientação política que pudesse inspirar a ação. A busca de metodologias foi baseada mais em leituras, alguns saberes acadêmicos dos membros da equipe, muita intuição e, sobretudo, saber escutar o outro e saber partilhar.

O Projeto de Desenvolvimento Comunitário de Lajedos foi desenhado por meio dos pressupostos de que a construção de saberes e práticas se faz na interação dos técnicos

4 Na época, não se falava em relações de gênero; esse conceito sociológico surgiu em Cabo Verde mais tarde, mas a equipe do Atelier Mar intuiu que era necessário salvaguardar a equidade na participação.

com a população e na reflexão-ação-reflexão, traduzindo-se em um enriquecimento diversificado e coletivo.

O envolvimento de toda a comunidade e o bom relacionamento entre todos os parceiros é outro pressuposto fundamental do sucesso do projeto. Trata-se do momento de relacionar as parcerias com algumas instituições nacionais, como o Ministério da Agricultura (com seu apoio técnico pontual), como o Ministério da Educação (com a inserção de docentes na escola comunitária criada) e a Câmara Municipal (com o acompanhamento das atividades). As instituições estrangeiras têm dado suporte moral, técnico e financeiro, em especial algumas ONGs de Portugal, da Bélgica, da Espanha e da França, sendo que tais parcerias, em suas virtudes e seus defeitos, constituem igualmente oportunidades de aprendizagem.

A participação da comunidade nas diferentes atividades, tendo seus habitantes como os melhores parceiros, tem sido fulcral para a implementação do projeto, já que as ações de educação e formação são um eixo central do projeto. Foram realizadas várias ações, sobretudo políticas, para estimular a participação, como as reuniões para discutir os problemas e as possíveis soluções, além de formações voltadas à valorização do artesanato, à melhoria das técnicas de cultivo e à criação de animais para melhor aproveitamento da pequena quantidade de água disponível.

O projeto já viabilizou a criação de uma variada infraestrutura, desde o cemitério local (a principal preocupação da comunidade no início do projeto era um lugar para enterrar os seus mortos, assim, o arranque das ações teve por base os valores simbólicos antes dos materiais) até a escola de ensino básico, que assume lugar de destaque na promoção do desenvolvimento sociocomunitário enquanto polo de atividade formativa, criativa e de intervenção social.

Assumindo a criatividade como um recurso renovável e inesgotável, com o amadurecimento da experiência foram surgindo novas realizações e as componentes do projeto têm focado, fundamentalmente, eixos como: a) a educação não formal e formal e a formação; b) a criação de alternativas de emprego pautadas pela valorização dos recursos endógenos; e c) a investigação e o desenvolvimento de materiais e tecnologias que utilizam recursos locais.

Desse modo, implementaram-se ações promotoras de uma agricultura sustentável e adaptada às condições do solo e à escassez de água, o artesanato gastronômico baseado, sobretudo, na transformação de produtos da agropecuária e de outros grupos organizados em oficinas produtivas, que funcionam com base nos princípios da economia solidária, atividades de turismo solidário de base comunitária, que incluem um restaurante onde se recriam e se saboreiam os pratos da culinária local, além do Sítio Museológico de Lajedos, criado no âmbito de uma estratégia alargada de valorização cultural.

Todas essas ações incorporam componentes de formação e capacitação, estruturadas de modo a promover não só as competências técnicas (p. ex., microirrigação, produção de biofertilizantes, processamento de frutas e legumes, tecelagem com fibras vegetais, atendimento de guias de turismo em caminhos vicinais, dentre outras), mas também as pessoais e sociais (solidariedade e interajuda, organização e gestão de coletivos locais, participação democrática, promoção da igualdade e equidade de oportunidades – princípios da economia solidária).

Em 1990, quando se passou da “animação comunitária” ao planejamento e à implementação do plano de desenvolvimento integrado conhecido como “Projeto de Desenvolvimento Comunitário de Lajedos”, entendeu-se que comunidade não era só um território específico, mas um espaço comum de participação, de socialização e de aprendizagem significativa. Nesse quesito, assumo a ideia de Larrosa (2004) do par experiência/sentido como forma de pensar a aprendizagem, que nos remete à importância de permitir o conhecimento com experiência, no sentido de que é preciso sentir e observar e de que a experiência tem de “passar” por nós e nos tocar para que a aprendizagem adquira sentido.

Desse modo, o Atelier Mar tem, junto com a população local, em uma abordagem participativa e pluridisciplinar, trabalhado todas as dimensões da vida social, de forma ancorada na cultura como pilar do desenvolvimento e na educação enquanto prática social que vai para além dos limites da escola, voltada à construção da autonomia das pessoas.

Tornou-se evidente que a educação, enquanto prática social, apresentava diversos resultados e impactos na vida das pessoas e da comunidade, sendo ela própria produtora de relações sociais. O contexto do projeto de desenvolvimento de Lajedos, além de ações explícitas de educação e formação, tinha processos educativos simbólicos, “invisíveis”, equacionados.

A abordagem das pessoas que vivenciaram os diversos momentos do projeto revelou como elas passaram gradualmente do papel passivo de “espectadoras do desenvolvimento” para o papel ativo de cidadãos críticos. Sem dúvida, a dinâmica social local criada pela ação dos agentes do projeto facilitou tal processo, gerando sinergia entre as ações do projeto, a ação dos diversos agentes sociais e a própria população. A educação observada nesses processos parece ter fornecido ferramentas para transformar a comunidade.

Desse modo, a educação assume um papel na promoção do desenvolvimento que se quer integrado e sustentável, em um ambiente democrático e participativo, assumindo desafios sem medo das tensões que as mudanças implicam. A assunção desse papel alarga não só o campo de atuação do educativo, mas o papel dos professores e abre a possibilidade de novos e distintos atores, em um paradigma no qual os limites da ação educativa vão muito além dos contextos escolares.

A articulação entre desenvolvimento e educação transcende as políticas e intervenções educativas formais, implicando, ainda, a formação das pessoas integradas na comunidade, em todos os contextos de vida, também tendo a comunidade como protagonista desse processo. O papel decisivo da educação, tanto em cada indivíduo quanto na comunidade, exerce clara influência no desenvolvimento das próprias comunidades. Isso possibilita considerar a estreita relação entre educação e desenvolvimento como algo indissociável.

Em Paulo Freire (1959, p. 28), o conceito de educação assume relevo para entender as dimensões educativas do projeto, vistas como ferramentas para a promoção da consciência crítica que abre caminho para protagonismo da população nos processos de desenvolvimento: “é preciso aumentar o grau de consciência do povo, dos problemas de seu tempo e de seu espaço. É preciso dar-lhe uma ideologia do desenvolvimento”.

O projeto de Lajedos tem servido para reforçar a identidade cultural e o favorecimento da construção do capital social de Lajedos. O conceito de identidade assume diversas acepções, conforme as teorias que o explicam, sem necessidade de aprofundá-lo; considera-se que sua construção envolve os fatores culturais, étnicos e locais partilhados por determinado grupo, como definido por Manuel Castells (2000, p. 77), que diz que a identidade é fonte de significado e experiência de um povo, ou seja, uma “construção cultural do significado por um ator social individual ou coletivo ou, numa perspectiva mais integradora, a fonte de significado e experiência de um povo”. Essa constatação encontra suporte nos empreendimentos criados autonomamente pela população, no orgulho da comunidade, como referiu uma das mulheres da oficina de transformação agroalimentar: *“agora Lajedos está no mapa”*.

Os ganhos desse projeto foram capitalizados para uma nova intervenção, desta feita envolvendo mais 21 comunidades na cidade do Porto Novo, implementada de 2006 a 2011, quando a matriz de Lajedos deu origem ao Projeto de Desenvolvimento Rural de Porto Novo.

Considerações finais

O processo de desenvolvimento comunitário implica mudanças lentamente fermentadas e transformadoras da realidade comunitária, logo, impregnadas de educação em todas as suas dimensões para que as pessoas, tanto em nível individual quanto coletivo, relacional, possam atingir sua autonomia por meio da construção dos conhecimentos e das competências que a vida social exige.

O Atelier Mar se sentiu interpelado para agir na comunidade de Lajedos, respondendo aos desafios por meio de uma abordagem pluridisciplinar, o que implica parcerias diversas tanto diante das questões de financiamento quanto das práticas de terreno, que exigem cooperação ativa entre todos. O eixo da proposição do Atelier Mar se assentou sobre o

princípio de que a cultura e o desenvolvimento se condicionam mutuamente, o que inclui uma ampla visão da educação e da cultura como pilar estratégico para o desenvolvimento. Quer a cultura, quer a educação (sendo esta parte da primeira, mas que aqui se quer destacar) são abordadas em 3 grandes dimensões, a simbólica, a econômica e a política, que, juntas, também conformam a cidadania.

As análises das práticas do projeto revelam que a educação não se restringe a certas atividades ou espaços, ela flui na vida das pessoas, como processo interativo, social, que abarca o individual e o coletivo, a natureza e a comunidade, sendo permanente em todas as suas dimensões (social, cultural, política, econômica) e criando relações e ações que provocam mudanças na realidade.

O estudo desse caso constitui, sobretudo, uma tentativa de compreender o trabalho realizado e o desenvolvimento sociocomunitário conferindo voz à prática e sentido à ação, que tem sido apropriada pela população, no seu ritmo, em conformidade com os desejos e os significados atribuídos por cada pessoa.

Parafraseando Correia e Caramelo (n.d.),

[...] a questão que interessava refletir era sobre o sentido de uma cidadania que se define simultaneamente como pertença e como construção dos espaços e dos tempos de produção desta pertença onde a problemática central é a da “gramática das formas de vida”.

Concluo este artigo retomando a metáfora da tecelagem: tecer esse projeto, em Lajedos, incluiu na urdidura a abnegação, o respeito pelas pessoas e por seus saberes, e na trama a persistência, a solidariedade, os valores identitários. O resultado foi um tecido inacabado, obviamente sempre há mais necessidades e mais ideias criativas, porém, trata-se de um tecido colorido com experiências únicas e com a força da diluição de poderes e da valorização das pessoas, o que o torna resistente diante das tensões e dos conflitos dos processos de desenvolvimento endógeno.

Referências bibliográficas

Amaro, R. R. (2003). Desenvolvimento, um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria. *Cadernos de Estudos Africanos*, 4, 40-60.

Canário, R. (2005). O que é a escola? *Um “olhar” sociológico*. Porto, Portugal: Porto.

Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da investigação. Guia para auto-aprendizagem* (2a ed.). Lisboa, Portugal: Universidade Aberta.

-
- Castells, M. (2000). *O poder da identidade* (2a ed.). São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Correia, J. A., & Caramelo, J. (n.d.). *Educação e desenvolvimento local: linhas gerais para um programa de reflexão*. Recuperado de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/6685/2/82510.pdf>
- Damásio, A. R. (1995). *O erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano* (12a ed.). Lisboa, Portugal: Europa-América.
- Estrela, M. M. (2005). *O envolvimento da população na redução da exclusão e na extensão da protecção social: desenvolvimento comunitário de Lajedos, Cabo Verde*. Genebra, Suíça: Bureau International do Trabalho.
- Freire, P. (1959). *Educação e atualidade brasileira*. Recife, PE: Escola de Belas Artes de Pernambuco.
- Larrosa, J. (2004). *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (1994). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.
- Sachs, W. (Ed.). (1992) *The development dictionary: a guide to knowledge as power*. London, UK: Zed.
- United Nations. (1962). *The UN Development Decade: proposal for action*. New York, NY: Author.

Para citar este artigo

Norma A – ABNT

Estrela, M. M. Desenvolvimento sociocomunitário: um olhar sobre o projeto de Lajedos em Cabo Verde. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, v. 10, n. 25, p. 58-75, 2020.

Norma B – APA

Estrela, M. M. (2020). Desenvolvimento sociocomunitário: um olhar sobre o projeto de Lajedos em Cabo Verde. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, 10(25), 58-75.

Norma C – Vancouver

Estrela, M. M. Desenvolvimento sociocomunitário: um olhar sobre o projeto de Lajedos em Cabo Verde. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado* [Internet]. 2020 [cited Ago 03, 2020];10(25): 58-75. Available from: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/3339>